

## PLATÃO

### ÍON

(tradução de Humberto Zanardo Petrelli)

*Sócrates:* Saudações, Íon. De onde nos vens agora, de tua casa, em Éfeso?

*Íon:* Não, Sócrates, venho de Epidauro, das festas de Asclépio.

*Sóc.:* Então também os epidáurios ofertam ao seu Deus disputas de rapsodos?

*Íon:* Exatamente, e também de outras músicas.

*Sóc.:* O quê? Competiste com os nossos? E o que ganhaste?

*Íon:* Ganhamos os primeiros prêmios, Sócrates.

*Sóc.:* Falas bem; vamos, então, que venceremos as Panatenéias.

*Íon:* Assim será, se Deus quiser.

*Sóc.:* Muitas vezes invejei vós, os rapsodos, Íon, por vossa técnica; pois estão sempre convenientemente com o corpo enfeitado, por causa de vossa técnica, mostrando-se como os mais belos; ao mesmo tempo que é necessário passar o tempo com outros muitos e bons poetas, sobretudo com Homero, o melhor e mais divino dos poetas, e apreender o seu pensamento, não só os versos épicos; isto é de se invejar. Pois não se tornaria bom rapsodo, se não compreendesse os dizeres do poeta. Ao rapsodo é necessário se tornar intérprete do pensamento do poeta aos ouvintes. E será incapaz de fazer isso de maneira bela se não conhecer o que o poeta diz. E todas essas coisas são dignas de se invejar.

*Íon:* Dizes a verdade, Sócrates. Em todo caso, este aspecto da técnica forneceu-me o maior trabalho e penso dizer melhor dentre os homens a respeito de Homero; visto que, nem Metrodoro de Lâmpsaco nem Estesímbroto de Tasos nem Glauco nem nenhum outro dos que existiram até hoje foram capazes de falar assim tantos e tão belos pensamentos sobre Homero quanto eu.

*Sóc.:* Falas bem, Íon. Evidente que não me recusarás demonstrar.

*Íon:* Certamente é digno de se escutar, Sócrates, como enfeitei tão bem Homero que penso que sou digno de ser cingido com coroa de ouro pelos Homéridas.

*Sóc.:* Ainda eu hei de te escutar atentamente estando desocupado, agora tão só me responde: és perito apenas sobre Homero ou também sobre Hesíodo e Arquíloco?

*Íon:* De maneira alguma! Mas apenas sobre Homero; pois me parece ser o suficiente.

*Sóc.:* E há algo de que ambos, Homero e Hesíodo, falam as mesmas coisas?

*Íon:* De minha parte penso que sim, e muitas.

*Sóc.:* Então explicarias a respeito das coisas que diz Homero melhor do que Hesíodo?

*Íon:* De modo semelhante explicaria sobre estas coisas, Sócrates, sobre aquilo que ambos disseram as mesmas coisas.

*Sóc.:* E sobre aquilo que eles não discorrem as mesmas coisas? Como, por exemplo, o que falam a respeito da adivinhação Homero e Hesíodo.

*Íon:* De todo.

*Sóc.:* O que então? Sobre tudo quanto esses dois poetas dizem de maneira semelhante e diferente

sobre a adivinhação, quem explicaria melhor, tu ou um dos bons adivinhos?

*Íon:* Um dos adivinhos.

*Sóc.:* Se, então, tu fosses adivinho e estivesses em condição de explicar sobre os dizeres semelhantes, não saberias explicar sobre os dizeres que são diferentes?

*Íon:* É evidente que sim.

*Sóc.* : Então o que é isso? Tu és perito sobre Homero e não és sobre Hesíodo nem sobre os outros poetas? Será que Homero fala a respeito de temas diferentes daqueles abordados por todos os outros poetas juntos? Ele não discorre muitas vezes sobre a guerra, sobre as relações dos homens uns com os outros, de homens bons, de maus, de comuns, de artesãos, e dos deuses em relação uns com os outros, e na companhia dos homens, e como são essas relações; sobre os acontecimentos dos céus e daqueles no Hades, e a gênese dos deuses e heróis? Não são com estes mesmos temas que Homero fez sua poesia?

*Íon*: Dizes a verdade, Sócrates.

*Sóc.*: E os outros poetas? Não tratam dos mesmos temas?

*Íon*: Sim, Sócrates, mas não o fizeram semelhantemente a Homero.

*Sóc.*: Como assim? Pior?

*Íon*: E muito.

*Sóc.*: E Homero? Ele o fez melhor?

*Íon*: Melhor, certamente, por Zeus!

*Sóc.*: Portanto, querido amigo Íon, quando muitas pessoas falam a respeito da aritmética e alguém diz algo melhor, é evidente que se reconhecerá aquele que discorre bem?

*Íon*: É o que eu digo.

*Sóc.*: Então essa pessoa será a mesma que reconhecerá os que falam mal ou será uma outra?

*Íon*: Evidente que a mesma pessoa.

*Sóc.* : Então essa pessoa é aquela que possui a técnica da aritmética?

*Íon*: Sim.

*Sóc.*: O quê? E quando muitos falam a respeito dos alimentos saudáveis e alguém diz algo melhor;

haverá alguém que reconhecerá quem fala bem que fala bem e outra que fala mal que fala mal, ou uma mesma pessoa?

*Íon*: Evidente que uma mesma.

*Sóc.*: E quem é ela? Qual o nome que damos a ela?

*Íon*: Médico.

*Sóc.*: Portanto, para ser breve, dizemos que a mesma pessoa reconhecerá sempre, quando muitas pessoas falam a respeito das mesmas coisas, quem diz bem e quem diz mal; ou então, se ela não reconhecer quem fala mal é evidente que não reconhecerá quem fala bem, ao menos sobre o mesmo tema.

*Íon*: Isso mesmo.

*Sóc.*: Portanto uma mesma pessoa será perita para reconhecer ambos os casos?

*Íon*: Sim.

*Sóc.*: Tu dizes também que Homero e os outros poetas, dentre eles Hesíodo e Arquíloco, dizem a respeito das mesmas coisas, mas não de modo semelhante: aquele diz bem, enquanto os outros são inferiores?

*Íon*: E digo a verdade.

*Sóc.*: Portanto, se tu reconheces quem fala bem, também reconhecerias os que falam de modo inferior, que falam de modo inferior.

*Íon*: É o que parece.

*Sóc.*: Então, querido, de modo semelhante ao afirmarmos que Íon é perito sobre Homero e sobre os outros poetas não estaremos errando, já que tu mesmo concordas que uma pessoa será juiz de todos quantos por ventura falam sobre o mesmo assunto. E os poetas, quase todos, fazem as mesmas coisas.

*Íon*: E qual é a causa então, Sócrates, por que eu não consigo prestar atenção quando alguém dialoga a respeito de outro poeta e sou incapaz de conjecturar algo digno de discurso, e simplesmente cochilo; mas, quando alguém se recorda de Homero, imediatamente desperto, presto atenção e bem transito no que falo?

*Sóc*: Não é difícil imaginar isso, companheiro, mas a todos é evidente, que com técnica e ciência és incapaz de falar sobre Homero. Pois se tu fosses capaz de falar por técnica, serias capaz de falar também de todos os outros poetas, pois que há uma arte poética como um todo, não há?

*Íon*: Sim.

*Sóc*: Então, quando se compreende uma outra técnica qualquer em seu todo, o modo de exame será o mesmo em torno de todas as técnicas? E o que eu quero dizer com isso? É o que tu necessitas me escutar, Íon.

*Íon*: Sim, por Zeus, Sócrates. Eu, de minha parte, alegro-me vos escutando, vós, os sábios.

*Sóc*: Desejaria que tu estivesse dizendo verdade, Íon. Mas sábios, de algum modo sois vós, os rapsodos e atores e aqueles cujos poemas vós cantais. Eu não digo outra coisa senão a verdade, como convém a um homem comum. E sobre o que eu te perguntei agora, observa como é medíocre e comum e todo homem compreender o que eu disse: que o exame é o mesmo quando alguém domina uma técnica em seu todo. Tomemos um raciocínio: a pintura é uma técnica em seu todo?

*Íon*: Sim.

*Sóc*: Portanto, também na pintura há e houve muitos pintores bons e muitos medíocres?

*Íon*: Perfeitamente.

*Sóc*: Então já viste alguém que é capaz de discorrer sobre Polignoto, filho de Aglaofonte, demonstrando ser perito sobre o que ele desenha bem e sobre o que não desenha e seja incapaz de fazer o mesmo sobre os outros pintores? E quando alguém aponta para as obras dos outros pintores, ele adormece, fica embaraçado, e não tem o que conjecturar, mas quando é sobre Polignoto ou algum outro que queiras, havendo necessidade de demonstrar conhecimento de apenas um dos desenhos, desperta e presta atenção e bem transita no que diz?

*Íon*: Não, por Zeus, não vi por certo.

*Sóc*: E então? E na escultura, já viste alguém que a respeito de Dédalo, filho de Metion ou de Epeio, filho de Panopeu, ou de Theodoro de Samos, ou a respeito de algum outro escultor, e sobre um só deles é perito para explicar sobre o que de bom ele fez, e em relação às obras dos outros escultores se embaraça e adormece, não tendo o que dizer?

*Íon*: Não, por Zeus, nunca encontrei ninguém assim.

*Sóc*: E nem tampouco, ao menos como eu penso, na técnica do flautista nem na do citarista nem na dos que cantam acompanhados da cítara nem na rapsódia, jamais viste homem que sobre Olimpo fosse perito para explicar, ou sobre Tamiras, ou sobre Orfeu, ou sobre Fêmio, o rapsodo de Ítaca; e a respeito de Íon [o rapsodo] de Éfeso se embaraça e não tem o que conjecturar a respeito daquilo que ele rapsodeia bem e daquilo que não.

*Íon*: Não tenho para ti um contra-argumento a respeito disto, Sócrates; mas disso eu tenho consciência: que a respeito de Homero digo o melhor dentre os homens e bem transito, e todos os outros me falam que falo bem. Mas a respeito dos outros poetas, não. Vê o que é isso.

*Sóc*: Vejo, Íon, e vou te demonstrar o que me parece ser isso. Há isso a técnica não sendo junto de ti para bem discorrer sobre Homero, como dizia há pouco, mas uma potência divina que te movimenta, como na pedra que Eurípides nomeou Magnética, e que muitos a

chamam de Hércules. Essa pedra não só atrai os anéis mesmo de ferro, como os infunde poder, de modo a novamente fazê-los ter o mesmo poder que a pedra, isto é, atrair outros anéis, de maneira que às vezes se forma uma cadeia extremamente longa de anéis de ferro dependente uns dos outros; e é daquela pedra que pende a potência para todos esses anéis. Assim, a Musa mesma faz os inspirados; e através desses inspirados, outros se entusiasmando, formam uma cadeia dependurada. Com efeito, todos os poetas épicos, os bons, não por técnica, mas sendo inspirados e possuídos, dizem todos esses belos poemas. Os poetas líricos, os bons, igualmente; como os coribantes não estando conscientes dançam, assim também os poetas líricos não estando conscientes fazem esses belos versos líricos; e quando entram em harmonia e no ritmo, comportam-se como bacas e ficam possuídos; tal como as bacas retiram mel e leite dos rios ficam possuídas e não estando conscientes; e também a alma dos poetas líricos elabora isso, que eles mesmos afirmam. Dizem-nos os poetas, é evidente, que das fontes que vertem mel de certos jardins e bosques das Musas que eles nos trazem seus versos líricos. Como as abelhas, eles assim voam; e dizem verdade. Leve é coisa do poeta, alada e sagrada; e inicialmente não consegue compor, antes de se tornar inspirado, de ficar fora de si e o pensamento não habita mais nele; até que tenha essa aquisição, todo homem é incapaz de compor e de proferir oráculos. Então, já que não é por técnica que eles fazem e dizem muitas e belas coisas sobre os acontecimentos, como tu sobre Homero, mas por parte divina; cada qual é capaz de compor de maneira bela só naquele gênero para o qual a Musa o precipitou: este para os ditirambos, o outro para os encômios, aquele para os hiporquemas, um outro para os épicos, o outro para os jambos, e cada um deles é medíocre nos outros gêneros. Pois não dizem essas coisas por técnica, mas pelo poder divino portanto, dize: porque se eles soubessem falar bem a respeito de uma delas por técnica, também saberiam falar bem de todas as outras: por isso, o Deus extraindo o pensamento desses usa-os como auxiliares, profetas e adivinhos divinos, a fim de que nós, os ouvintes, saibamos que não são estes os que falam as mesmas coisas assim muito dignas, pois o seu pensamento não está presente, mas é o próprio Deus o comunicante, através deles se comunica conosco. Maior indício deste discurso é Tínicio de Cálcis, que nunca compôs nenhum outro poema que fosse digno de ser recordado, a não ser o peão que todos cantam, talvez o mais belo de todos os versos líricos; e o fez simplesmente, como ele mesmo diz: “um achado das Musas”. Neste dizer sobretudo, parece-me, o Deus nos apontou, a fim de que não duvidássemos, que não são humanos estes belos poemas, nem dos homens, mas divinos e dos deuses; e que os poetas nada mais são que intérpretes dos deuses, e cada um é possuído pelo deus que o possui. O Deus mostrando essas coisas de propósito, através do mais medíocre poeta cantou o mais belo verso lírico: ou não te pareço dizer a verdade, Íon?

*Íon:* Sim, por Zeus, ao menos para mim! Tocas de algum modo minha alma com esses discursos, Sócrates, parece-me que é por parte divina que os bons poetas interpretam para nós as coisas que estão juntas dos deuses.

*Sóc.:* Portanto, vós, os rapsodos, por vossa parte interpretaís as coisas dos poetas?

*Íon:* É verdade o que dizes.

*Sóc.:* Portanto, vós vos tornais intérprete dos intérpretes?

*Íon:* Perfeitamente.

*Sóc.:* Pois bem! Dize-me, Íon, e não ocultes nada do que eu te perguntar: quer quando dizes bem os versos épicos e sobretudo deixas estarecidos os espectadores, quer quando cantas sobre Odisseu se lançando na soleira e vindo a ser visível aos pretendentes e atirando

dardos diante dos pés, quer quando Aquiles se precipita contra Heitor ou alguma das passagens de lamento a respeito de Andrômaca ou de Hécuba ou de Príamo; então, tu mesmo estás lúcido ou fora de si e tua alma acredita estar junta aos acontecimentos que ela recita, estando entusiasmada, quer eles se passem em Ítaca ou em Tróia ou como também tens os versos épicos?

*Íon:* Como é distinto para mim, Sócrates, este indício que relatas: vou falar sem te ocultar nada. Eu, quando digo algo de lamento, meus olhos se enchem de lágrimas e quando se trata de passagem temerosa ou terrível, meus lisos cabelos se eriçam de medo e o coração dispara.

*Sóc.:* O quê? Diríamos, Íon, que está lúcido este homem que, enfeitado com vestes coloridas e

coroas de ouro chora nos sacrifícios e festas, não tendo perdido nenhum desses enfeites; ou que tema estando na presença de mais de vinte mil homens amigos, não tendo sido nem espoliado nem sido injustiçado?

*Íon:* Não, por Zeus! Certamente que não, Sócrates, se é para dizer a verdade.

*Sóc.:* Sabes que vós elaborais esses mesmos efeitos na maiorias dos espectadores?

*Íon:* Sei, e muito bem: vejo-os cada vez, do alto do estrado, chorando e olhando de maneira terrível e ficando assombrados com as coisas ditas. É necessário veementemente voltar a atenção neles: porque se eu os coloco chorando eu próprio rirei recebendo dinheiro; se os coloco rindo, eu que chorarei perdendo dinheiro.

*Sóc.:* Sabes então que o próprio espectador é o último dos anéis de que eu falava, a receber o poder que, sob o efeito da pedra de Hércules, passa de um para o outro? O do meio és tu, rapsodo e o ator, e o primeiro é o próprio poeta. O Deus, através de todos eles, dirige a alma dos homens para onde quiser, fazendo passar o poder de uns para os outros. E da mesma maneira como daquela pedra dependura-se uma longa cadeia de coreutas, de mestres, e de submestres pendurados lateralmente dos anéis que suspendem da Musa. E um dos poetas dependura-se de uma Musa e um outro de outra - nós chamamos isso 'estar possuído', o que é quase o mesmo: pois 'está tomado' - e a partir desses primeiros anéis, dos poetas, uns se encontram pendurados por este poeta, outros por outros e estão entusiasmados: uns a partir de Orfeu, outros de Museu, e a maioria é possuída e tida por Homero. Tu és um desses, Íon, e és possuído por um, por Homero, e quando alguém canta algo de outro poeta, dormes e te embaraças no que falas; mas quando alguém declama desse poeta algum verso lírico, imediatamente tua alma permanece desperta, se exalta e bem transita no que falas. Com efeito, não é por técnica nem por ciência que dizes quando recitas sobre Homero, mas parte e possessão divina, tal como os coribantes que só sentem intensamente aquela parte do verso lírico pela qual são possuídos pelo Deus; e para esse verso lírico bem transitam com gestos e com palavras, não se preocupando com os demais: assim também tu és, Íon, quando alguém recorda algo a respeito de Homero, bem transitas, e a respeito dos outros te embaraças. E tu me perguntas: qual a causa disso? Por que tu bem transitas sobre Homero e não sobre os outros? Porque não é por técnica, mas por parte divina que és terrível panegirista de Homero.

*Íon:* Tu falas bem a propósito, Sócrates. Eu me espantaria certamente se tu falasses tão bem de modo a me persuadir de que eu estando possuído e em delírio elogio Homero. Penso que não opinarias assim se me escutasse declamando a respeito de Homero.

*Sóc.:* Desejo escutar certamente; no entanto, não me responderias primeiro isso: do que Homero diz, a respeito do que tu dizes bem? Não, certamente, a respeito de todas as coisas.

*Íon:* Sabe bem, Sócrates, que não há tema sobre o qual eu não trate.

*Sóc.:* Menos, certamente, aqueles que tu não sabe, mas que Homero diz.

*Íon:* E quais são essas coisas que Homero diz e que eu não sei?

*Sóc.:* Homero não diz muitas vezes e muito sobre as técnicas? Por exemplo, sobre a técnica do auriga - se me recordares o verso, eu te direi.

*Íon:* Mas eu recitarei pois eu me recordo.

*Sóc.:* Dize-me, então, o que diz Nestor ao seu filho Antíloco, quando o aconselha ficar atento a respeito da baliza, na corrida de cavalos em honra a Pátroclo.

*Íon:* *Inclina-te, diz, no carro bem polido docemente para a esquerda dos dois: o cavalo da direita estimula com a voz, cede-lhe as rédeas com as mãos. Na meta, certo, o cavalo da esquerda se lance, a fim de que o cubo da roda bem feito pareça tocar a meta: mas evita tocar na pedra*

*Sóc.:* Basta! Esses versos épicos, Íon, se Homero diz corretamente ou não, quem conheceria melhor, um médico ou um auriga?

*Íon:* Um auriga certamente.

*Sóc.:* E é porque ele possui essa técnica ou por algum outro motivo qualquer?

*Íon:* Não, mas porque ele possui essa técnica.

*Sóc.:* Então a cada uma das técnicas foi dada por Deus uma função de ser capaz de conhecer? Pois não conhecemos pela técnica do piloto o que conheceremos pela técnica médica.

*Íon:* Não, certamente.

*Sóc.:* E nem conhecemos com a técnica médica essas também que conheceremos na arquitetura.

*Íon:* Não, certamente.

*Sóc.:* Portanto é assim também segundo todas as técnicas, aquilo que conhecemos através de uma técnica, não conheceremos através de outra? Mas, responda-me isso primeiro: afirmas que as técnicas diferem umas das outras?

*Íon:* Sim.

*Sóc.:* Ah, assim como eu estou conjecturando, quando uma ciência trata de umas coisas e outra trata de outras, assim eu chamo uma técnica de uma maneira, a outra de outra; e tu também fazes o mesmo?

*Íon:* Sim.

*Sóc.:* Se houvesse uma ciência das mesmas coisas, por que haveríamos de dizer de uma maneira diferente da outra, cada vez seria possível saber as mesmas coisas através de ambas? Por exemplo: eu conheço que esses dedos são cinco, tu também sabes, e, como eu, tu conheces as mesmas coisas a respeito deles. E se eu te perguntasse se é pela mesma técnica que nós conhecemos isso, isto é, pela aritmética que eu e tu conhecemos as mesmas coisas ou por outra técnica, tu dirias certamente que é pela mesma.

*Íon:* Sim.

*Sóc.:* Dize-me agora, então, o que há pouco eu estava a ponto de te perguntar: se te parece que ocorre assim em todas as técnicas, isto é, que conhecemos uma mesma coisa necessariamente com uma técnica, porém nunca essa mesma coisa por outra técnica; uma vez que se trate de uma técnica diferente, é necessário que seja outro o objeto do seu conhecimento.

*Íon:* Assim me parece, Sócrates.

*Sóc.:* Portanto, aquele que não possui uma técnica não será capaz de conhecer bem nem o que se diz

nem o que se faz dessa técnica?

Íon: Dizes a verdade.

Sóc.: E a respeito dos versos épicos que declamaste, se Homero diz belamente ou não, quem conhecerá melhor, tu ou um auriga?

Íon: Um auriga.

Sóc.: De fato és um rapsodo, mas não um auriga.

Íon: Sim.

Sóc.: A técnica do rapsodo é diferente da técnica do auriga?

Íon: Sim

Sóc.: Ah, se é diferente é ciência também de diferentes acontecimentos.

Íon: Sim.

Sóc.: E quando Homero diz como Hecamede, concubina de Nestor, dá uma poção para Macaon beber quando estava ferido? E diz mais ou menos assim, *sobre o vinho de Pramno*, diz, *ela raspa o queijo caprino com ralador de bronze, além de cebola, condimento de bebida*. Essas palavras, se Homero as diz corretamente ou não, a quem cabe distinguir belamente: à técnica do médico ou à técnica do rapsodo?

Íon: À do médico.

Sóc.: E quando Homero diz *ela semelhante à chumbada ao fundo chegou, que furiosa no corno de boi vai levando desgraça entre os peixes carnívoros*. Essas palavras dizemos que cabe mais à técnica da pescaria do que à do rapsodo julgar melhor o que ele diz e se diz bem ou não?

Íon: Evidente, Sócrates, que cabe à técnica da pescaria.

Sóc.: Examina então no caso de seres tu o interrogador, e se me perguntasses: “Sócrates, já que tu encontras em Homero aquilo que convém a cada uma dessas técnicas discernir, vai encontra-me as passagens que se relacionam com o adivinho e a técnica da adivinhação, e quais as coisas que lhe convém para se tornar capaz de distinguir se o poema está bem ou mal feito” - examina como eu te respondo facilmente e de modo verdadeiro. Em várias passagens diz e na Odisséia, como, por exemplo, das coisas que o adivinho Theoclimeno, um dos descendentes de Melampo, diz aos pretendentes: *Infelizes, por que padeceis desse mal? De noite, vossas cabeças, vossos rostos, os membros inferiores se envolvem, os lamentos ressoam, as faces se enchem de lágrimas: o pórtico está cheio de espectros, cheio também o pátio eles vão ao Érebo, às trevas: e o sol do céu desapareceu, névoa má se espalha*. E em muitas passagens na Ilíada; por exemplo, no assalto às muralhas: diz ele também ali: *O pássaro sobreveio-lhes aos que se esforçaram a ultrapassar, a águia, de alto vôo, bloqueando a tropa pela esquerda, uma serpente rubra trazendo nas garras enormes, viva, ainda se debatendo; ainda não esqueceu do combate. Golpeou-a enquanto segurava no peito perto do pescoço E tendo curvado a cabeça, a águia soltou de si para o chão, sofrendo com as dores, e jogou no meio da multidão: e ela mesmo gritando alçou-se com o sopro do vento*. Essas palavras eu diria que são convenientes ao adivinho examiná-las e julgar.

Íon: E tu estarias dizendo a verdade, Sócrates.

Sóc.: Tu também, Íon, dizes essas coisas verdadeiras. Vai agora tu para mim, pois do mesmo modo que eu te escolhi algumas passagens tanto da Odisséia quanto da Ilíada referentes ao adivinho, ao médico, ao pescador, assim também tu me seleciona, já que és mais experimentado do que eu nas obras de Homero, as passagens próprias de rapsodo, Íon, e da técnica do rapsodo, e o que convém ao rapsodo examinar e distinguir, excluídos os outros homens.

Íon: Eu digo, Sócrates, que são todas.

*Sóc.* : Tu não dizes, Íon, que são todas: ou serias tão desmemoriado? Se bem que não conviria a um rapsodo corajoso ser desmemoriado.

*Íon*: E do que me esqueci?

*Sóc.*: Não recordas que disseste que a técnica do rapsodo é diferente da do auriga?

*Íon*: Recordo.

*Sóc.*: Portanto, sendo diferente, concordas que conhecerás coisas diferentes?

*Íon*: Sim.

*Sóc.*: Ah! Então, segundo teu discurso, nem a técnica do rapsodo nem o rapsodo conhece todas as coisas. *Íon*: Com exceção talvez dessas aí, Sócrates.

*Sóc.*: Dizes dessas aí, ou seja, exceto talvez as outras técnicas; então quais coisas conhecerá tua técnica, já que não conhece todas?

*Íon*: Aquelas coisas, penso eu, que convém a um homem dizer, a uma mulher, a um escravo, a um homem livre, a um subordinado, a um chefe.

*Sóc.*: Ah! Dizes então que as coisas que convém a um chefe dizer no mar estando o barco na tormenta, um rapsodo saberá dizer melhor do que um capitão?

*Íon*: Não, um capitão.

*Sóc.*: E aquilo que convém ao chefe dizer ao enfermo, um rapsodo saberá melhor do que um médico?

*Íon*: Não, isso também não.

*Sóc.*: Mas, tu dizes, são coisas que convém a um escravo?

*Íon*: Sim.

*Sóc.* : Por exemplo, dizes que ao escravo boiadeiro convém dizer para acalmar o gado quando zangado, o rapsodo é quem saberá dizer e não o boiadeiro?

*Íon*: Não, é claro.

*Sóc.*: Mas, e das coisas que convém à mulher fiandeira dizer a respeito dos trabalhos da lã?

*Íon*: Não.

*Sóc.*: Então ele conhecerá as coisas que um general corajoso convém dizer para aconselhar os soldados? *Íon*: Sim, o rapsodo saberá dessas coisas.

*Sóc.*: O quê? A técnica da rapsódia é a mesma da técnica do general?

*Íon*: Pelo menos eu saberia o que convém ao general dizer.

*Sóc.*: Talvez, Íon, tu sejas também um estrategista. Se por acaso tu fosses ao mesmo tempo um cavaleiro, e um guitarrista, saberias os cavalos que são bons e os que são maus de montaria. Mas se eu te perguntasse: “Por qual técnica, Íon, reconheces os cavalos bons de montaria: como cavaleiros ou como guitarrista?” O que tu me responderias?

*Íon*: Que era como cavaleiro, eu responderia.

*Sóc.*: Portanto, se reconhecesses quem toca bem cítara, tu concordarias que tu os reconhece por aquela técnica pela qual tu és guitarrista e não pela qual tu és cavaleiro.

*Íon*: Sim.

*Sóc.*: Já que conheces a técnica militar, tu a conheces como bom estrategista ou como bom rapsodo?

*Íon*: Não me parece haver nenhuma diferença.

*Sóc.* : Como? Dizes que não há diferença? Dizes que a técnica do rapsodo e a do general é uma e não duas?

*Íon*: De minha parte parece ser uma.

*Sóc.*: Ah! Quem é bom rapsodo é bom general também?

*Íon*: Certamente, Sócrates.

*Sóc.*: Portanto, quem é bom general também é bom rapsodo.

*Íon*: Não, não é isso que me parece.

*Sóc.*: No entanto, parece-te que o bom rapsodo é também bom general?

*Íon*: Exatamente.

*Sóc.*: Então tu és o melhor rapsodo dentre os Gregos?

*Íon*: Sou e muito, Sócrates.

*Sóc.*: E como general, Íon, também és o melhor dentre os Gregos?

*Íon*: Bem sabe, Sócrates, que também aprendi essas coisas de Homero.

*Sóc.*: Então, pelos deuses, Íon, sendo o melhor dentre os Gregos em ambas as coisas tanto como general quanto como rapsodo, por que tu percorres a Grécia como rapsodo e não como general? Ou te parece que os Gregos necessitam muito mais de um rapsodo cingido com coroa de ouro, mas jamais de um general?

*Íon*: É que a nossa cidade, Sócrates, é governada pela vossa e por vós é comandada e não precisa de um general; e a vossa cidade como também a dos Lacedemônios não me elegeu como general: pois vós vos julgais ser capazes disso.

*Sóc.*: Ó caríssimo Íon, não conheces Apolodoro de Cízico?

*Íon*: Quem é este?

*Sóc.*: Aquele que os atenienses por várias vezes elegeram general, mesmo sendo estrangeiro. E também Fanóstenes de Andros, e Heraclides de Clazômenas, os quais, à cidade mesmo eles sendo estrangeiros, tendo demonstrado que são dignos de menção e foram conduzidos tanto ao posto de general quanto para os outros comandos. Ah! Será que Íon de Éfeso não será eleito general e não seria honrado se ele lhe parecesse digno de menção? Pois então? Vós, os efésios, não sois atenienses de origem, e Éfeso não é inferior a outra cidade qualquer? Mas tu, Íon, se o que dizes é verdade, isto é, que com técnica e ciência és capaz de louvar Homero, cometes injustiça; pois tu me asseguraste que sabes muitas e belas coisas sobre Homero, afirmando que demonstrarias; tu me enganas e careces de muito para demonstrar; tu que, nem mesmo queres dizer aquelas coisas a respeito das quais afirmas ser perito, apesar de minha insistência anterior. Mas simplesmente, como Proteu, vens a ter todas as formas, virando-se para cima e para baixo, até que, finalmente, depois de me teres escapado, tu me apareces como general, a fim de me demonstrar como és perito sobre a sabedoria de Homero. Então, se sendo um técnico, como a pouco eu disse, e teres demonstrado a respeito de Homero enganas-me de todo, és injusto; mas se não és técnico, mas por parte divina és possuído de Homero e, apesar de não saber tu dizes muitas e belas coisas a respeito do poeta, como eu disse a teu respeito, não és injusto. Escolhe, então, se desejas ser reconhecido por nós como homem injusto ou divino.

*Íon*: A diferença é grande, Sócrates: e é muito mais belo ser reconhecido como divino.

*Sóc.*: Pois bem, de nossa parte o mais belo pertence a ti, Íon, ser divino e não um técnico panegirista de Homero.